

como a via mais acessível e mobilizadora para perscrutar e identificar a vontade de Deus a respeito da sua Igreja neste momento histórico em que se procura abrir as portas a um novo milénio.

· Experimentar a realidade eclesial nas sessões e comunicá-la de modo contagiante a fim de que o espírito e a dinâmica sinodais impregnem todas as organizações e serviços da Igreja. Assumir esta tarefa como missão e procurar caminhos sempre novos para a realizar.

Estes traços ajudarão a caracterizar melhor os participantes, embora o Espírito possa falar onde, quando e como quiser. Os traços referidos nem sempre se encontram em todas as pessoas. Também aqui se aplica o refrão é 'a andar que se faz caminho', sendo necessário adequar as exigências às capacidades reais das pessoas. Todavia servem de referência para quem está chamado a tão elevada e entusiasta missão.

O Sínodo — confessa um professor da Universidade de Aveiro — «é um momento importante de um processo de renovação da Igreja Diocesana, de que salientaria:

- a caminhada feita para a sua preparação, que mobilizou e animou grupos e comunidades;
- a participação empenhada, aberta, plural que a assembleia proporcionou;
- o compromisso de renovação, de empenhamento com o mundo dos homens; de solidariedade no 'reconhecimento e na promoção da igualdade e dignidade comuns';
- o referencial que o senhor Bispo da Diocese apresentou na sua intervenção inicial, traduzindo uma visão da Igreja diocesana aberta e solidária no seu seio, mas aberta, também, à necessidade de um envolvimento fraterno com o meio e o mundo em que está inserida»<sup>8</sup>.

Em conclusão, a Assembleia Sinodal tem o rosto e a dinâmica dos seus membros. Eles representaram, de algum modo, todo o Povo de Deus constituído em Diocese. Neles quer brilhar e por eles quer agir o próprio Espírito de Jesus ressuscitado. Deles depende, também, a força evangelizadora da Igreja diocesana e o seu envolvimento empenhado na humanização da sociedade e de todas as suas organizações.

Da sua participação generosa e criativa muito beneficiará a renovação da paróquia e o governo pastoral da Arquidiocese de Braga.

GEORGINO ROCHA

CV, 14.06.91, p. 3.

## Junqueiriana de Pedro Bandeira na U.C.P. - Porto.

### Documentos inéditos. Uma carta de G. Junqueiro

Guerra Junqueiro figura singularmente marcante do século XIX, tem sido nestes últimos anos, por razões várias, esquecido e injustiçado.

Desde 1992 — e na sequência do Simpósio «Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra» e do Colóquio «Teixeira de Pascoais» — que a Direcção do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa e a Direcção da Faculdade de Teologia - Porto procura contribuir para o enriquecimento cultural da área em que se situa. Assim, está já anunciado um outro Colóquio — «Guerra Junqueiro e a Modernidade» — para os dias 3 e 4 de Janeiro de 1997.

Nesta linha de estudo interdisciplinar de vultos marcantes da cultura portuguesa e em concreto sobre Guerra Junqueiro, aquelas Direcções acabam de adquirir a «Junqueiriana» particular de Pedro Bandeira.

Trata-se de um fundo bibliográfico composto por cerca de quatrocentos títulos de/sobre Guerra Junqueiro. Nele se incluem muitas das primeiras edições das obras do Poeta bem como de outras figuras de reconhecido mérito da literatura nacional e estrangeira que a ele se referiram. De lamentar, apenas, que algumas destas obras, embora esteticamente bem encadernadas, estejam desprovidas da sua capa original. O desejável seria que tivessem sido, em caso de necessidade, restauradas sem encadernação.

A acrescer a alguns números dispersos de revistas, estão ainda seis preciosos albuns de recortes de jornais, fotografias e bilhetes postais. Embora coleccionados sem critério de organização cronológica, constituem, não só uma mina de informação «crivada» para o estudo

de Guerra Junqueiro como também para uma análise geral da 2ª metade do século passado e início deste.

Neles se encontram cartas e cartões de visita inéditos e manuscritos por Guerra Junqueiro bem como algumas das suas criações poéticas e em prosa, ainda dispersas, e que reclamam urgente recolha, tratamento e publicação.

### 1. Pedro Barbosa

Pedro Alberto Bandeira foi figura de grande fecundidade criativa e de forte dinamismo empreendedor, a quem o Teatro Português, nomeadamente, muito deve.

Nasceu no Porto em 1871. Fez o curso do Real Colégio Militar e desde muito cedo se entregou à criação literária. Foi despachante da Alfândega do Porto e atleta de relevo. Fundou o Real Vela-Club do Porto, a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (onde, durante anos, exerceu o cargo de Secretário Geral<sup>1</sup>), a Caixa de Reformas e Pensões dos Artistas Teatrais. Foi sócio da Casa da Imprensa e do Livro do Porto e cavaleiro da Ordem de Sant'Iago da Espada. Recebeu a condecoração da Cruz de Malta de Espanha.

Autor prolífico de obras teatrais dos mais diversos géneros, da farsa e comédia ao drama, da opereta à revista, escreveu elevado número de monólogos em verso, que oscilam entre um humorismo e uma emoção por igual primários, mas que alcançaram uma voga sem precedentes e uma popularidade excepcional. Poucos eram os saraus ou festas com recitativos que não incluíssem uma ou mais das suas criações. Em 1901, reúne-os em volume que titulóu *Monólogos* e do qual fez sucessivas reedições. Guerra Junqueiro achou-lhe, como veremos, «muita graça». Além da obra publicada em volume<sup>2</sup>, deixou também extensa

<sup>1</sup> «Quando algum sócio estava em 'apuros' e necessitava de um 'vale', raramente o seu 'visto' era negado. Foi até conhecido pelo Pedro Bandeira... da Misericórdia.» Á. DE A. - «Há 50 anos... Pedro Bandeira», in *Diário Popular* (30/6/1971).

<sup>2</sup> Entre outras: *À boca de cena; Condado de girassol; A ceia dos pardais; Novos monólogos; À luz da ribalta; Gente honesta* (em colaboração com Carlos Ferreira); *Felicidade perpétua* (em colaboração com A. Soutelo); *Luz e caridade* (em colaboração com A. Vítor Machado); *Anibal; César & Companhia* (em colaboração com Carvalho Mourão); *Crime de mãe; A parálitica; A paredeira de Aljubarrota; A Rosa do Minho*. Entre as muitas das suas peças levadas a cena, contam-se, por exemplo: *Sacrifício de Abraão* (com a qual se estreou no Teatro Carlos Alberto, do Porto, em 1902); *Monólogo do Averno; Sonho da Pastora; Lenda do fole; O menino de chocolate;*

colaboração em jornais literários e desportivos. Viria a morrer em 1945, em Lisboa<sup>3</sup>.

Pedro Bandeira, vinte e um anos mais novo do que Guerra Junqueiro, começou, por volta de 1891, a dedicar ao autor de *Os Simples* um firme e duradouro «culto de admiração». Ele próprio o afirma no documento que a seguir se apresenta e onde explica o cristalizar da sua Junqueiriana, recentemente adquirida pela U.C.P. — Porto.

Nos últimos dias de Novembro havíamos já tido rápido mas franco acesso àquela colecção, por intermédio de António Bandeira Carvalho dos Santos, um dos netos de Pedro Bandeira. A ele significamos a nossa gratidão bem como a cedência para publicação do manuscrito de seu avô. A este documento, e porque de alguma forma também por ele suscitados, acrescentaremos mais dois<sup>4</sup>.

Os textos, integral e fielmente transcritos, valem e falam por si mesmos. Ainda assim, acrescentaremos algo mais em notas.

### 2. «A minha junqueiriana» — inédito de Pedro Bandeira<sup>5</sup>

«Esta fobia»<sup>6</sup> de coleccionar Junqueiro, dura-me há 52 anos.

Era eu, no momento, um rapazinho medianamente inteligente que ia entrar na vida, com ideias avançadas e opiniões muito janotas, nesses tempos de lutas, de ideias e de liberdades muito disparatadas.

Um dia, na redacção de «*A Voz Pública*», um camarada apresenta-me a Henrique Marques<sup>7</sup>.

*Pom-pom; O célebre Pina, Bombon; Um filho da 3ª classe; Novo Testamento; Um homem de casaca; O senhor governador; Mariana; Quarenta milhões; Maldito fado; Os barbadinhos; Jesus!!; A paródia; À face da lei; Maria do Sol; Pilha de nervos; As cartas de Carolina; O escândalo do Palace Hotel; A família Paredes; A ceia dos pardais; À luz da ribalta.*

<sup>3</sup> Cf. PERDIGÃO, Henrique - *Pedro Bandeira*. In *DICIONÁRIO universal de literatura bio-bibliográfico e cronológico ilustrado*. 2ª ed. Porto: Lopes da Silva, 1940, p. 614; *Pedro Bandeira*. In *DICIONÁRIO cronológico de autores portugueses*. III. Mem Martins: Pub. Europa-América, 1994, p. 102. [Org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Coord. Eugénio Lisboa]; *Pedro Bandeira*. In *GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira*. 4. Lisboa - Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s/d, p. 116.

<sup>4</sup> Os originais manuscritos encontram-se no album nº 1 dos recortes que referimos.

<sup>5</sup> O manuscrito deste documento conserva-se na posse da família Bandeira.

<sup>6</sup> Julgamos que ao escrever a palavra «fobia», Pedro Bandeira a terá usado de modo figurado.

<sup>7</sup> Henrique Marques, natural de Lisboa, depois de subir a vida a pulso, foi jornalista, escritor, tradutor e reputado bibliófilo. A 16 de Março de 1890, parte para o Porto onde, a convite do livreiro António Maria Pereira, fica como seu representante naquela cidade. Henrique Marques entra para a redacção da *República*, de Sousa Carneiro. Com o movimento de 31 de Janeiro de 1891 a *República* é suspensa. Resurge como *Voz Pública* e Henrique Marques regressa ao seu posto,

Afeiçoei-me a este querido e talentoso amigo e comecei frequentando a sua casa na Rua do Sá da Bandeira, no Porto, onde eu embacava e entontecia diante da sua Camiliana que era, ao tempo, alguma coisa de muito sério e de um valor incalculável. Passava horas a estudar a forma como Henrique Marques catalogava os livros, colecionava os jornais, rebuscava edições antigas e investigava de autógrafos e raridades do desditoso escritor, por quem Henrique Marques tinha um verdadeiro culto de admiração.

Quem conhecer seu o livro bibliográfico «Camiliana», poderá avaliar da sua paciência, competência, amor por esse grande homem de letras que foi Camilo Castelo Branco<sup>8</sup>.

Por esse tempo Guerra Junqueiro estava na berra!

A sua *Velhice* e a *Morte de D. João*, tinham um lugar de destaque em todas as casas e em todas as estantes.

Eu tinha por ele um culto de admiração; pela sua audácia e pela riqueza dos seus versos.

Os padres e a igreja excomungavam-no e o povo glorificava-o!

Ora, uma tarde, na sua livraria, o Henrique Marques, mostra-me um livro recentemente publicado chamado «*Esparsas*», e diz-me:

af permanecendo até 1894. Também ele conviveu com Guerra Junqueiro. Falando das suas relações com «o escol da fina-flor portuense», o jornalista João Paulo Freire, confirma-o. FREIRE, João Paulo — «Henrique Marques, um editor lisboeta que esteve quatro anos no Porto». *O Tripeiro* 7 (1945). p. 161. A partir de 1894, Henrique Marques é revisor e tradutor de obras editadas pela Livraria António Maria Pereira onde se registam algumas reedições de obras de Junqueiro, nomeadamente de *A Morte de D. João* e de *Os Simples*.

<sup>8</sup>No conjunto das obras de Henrique Marques e no âmbito dos estudos sobre Camilo Castelo Branco, releva a sua *Bibliografia Camiliana*, editada pela Pareceria António Maria Pereira, em 1894. Exaustiva e minuciosa mantém-se como uma obra de referência a C.C.B. Não está, no entanto, isenta de lacunas e incorrecções, compreensíveis em quem rasgou caminhos no estudo do autor de Seide. Sobre este trabalho: CABRAL, Alexandre — *Bibliografia Camiliana*. In *DICIONÁRIO de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Ed. Caminho, 1988, p. 69. Ainda neste âmbito e assinalando o 1º centenário do nascimento de Camilo, Henrique Marques publicou também *Os Editores de Camilo. Alguns subsídios para a história da livraria em Portugal*. Lisboa: Empreza da História de Portugal, 1925. Sobre esta trabalho: CABRAL, Alexandre — *(Os) Editores de Camilo*. In *DICIONÁRIO de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Ed. Caminho, 1988, p. 245-246.

<sup>9</sup>Encontramos, de facto, este espécime bibliográfico na colecção de Pedro Bandeira: Ex. nº 5, oferecido a Pedro Bandeira por H. Marques, em 8 de Abril de 1895. Trata-se de uma colectânea clandestina de poesias de G. Junqueiro coligidas por Cruz Coutinho e publicada em 1886, no Porto. Também nós dispomos de um exemplar. Não está, porém, numerado donde deduzimos que foram feitos mais do que dez exemplares... Algumas daquelas poesias, escritas à mesa de cafés e não destinadas a publicação, podem dar de Junqueiro a imagem de poeta báquico e fescenino. É sabido que ele repudiava esta colectânea e que procurara adquirir todos os exemplares para os destruir. Chegou mesmo a cortar à tesoura algumas das páginas dum exemplar que deu entrada na Biblioteca Municipal do Porto.

Quêta que se junqueiro pôde  
 escrever uma *dejavu* de...  
 Junqueiro tãjida sua  
 caratiz em obscurota de gora  
 to! Pôr pãssu impemmente  
 Continuar a escrever n'aguda  
 equina os maiores barbaros  
 de os e infamias que a gora  
 diga de gente da porta e de tal  
 tempera que não gente com  
 isto o menor arripio!... Revis  
 to a todo!

B. dixet!

Lisboa, Março 6 1943  
 Pedro Bandeira

P. S.

O Secretariado de Propaganda Nacional  
 e o Instituto de Propaganda Literária de  
 1942, expõem o premio Eugáio, as  
 obras de Camilo Castelo Branco "Junqueiro  
 Junqueiro e o Goumme e a morte" de  
 o Secretariado de Propaganda Nacional  
 val os seus dados sobre: um livro  
 o seu portado os valores literários de  
 o livro "E' aqui em si e os outros  
 Continuar a escrever e não pensar!  
 que não pôde ser considerado  
 Como *Esparsas*!

— «Porque não colecciona você Guerra Junqueiro?... Aqui tem um livro de que só se fez uma tiragem de dez exemplares! Veja o valor que este livro terá daqui a cinquenta anos!... Se quer cêdo-lho!...» —

Não foi preciso dizer mais nada. Fiquei com o livro e comecei a coleccionar Junqueiro<sup>9</sup>. Desnecessário será dizer que foi Henrique Marques quem me orientou e me arranhou os primeiros volumes, jornais e outras curiosidades de Guerra Junqueiro.

Quando numa sua viagem a Terras de Santa Cruz, trouxe-me de lá uma falsificação da sexta edição da «*Morte de D. João*», muito curiosa<sup>10</sup>.

Calhou eu habitar, ao tempo, numa casa na Avenida da Boavista, junto à morada do coronel Silva Monteiro — que era cunhado de Guerra Junqueiro<sup>11</sup> — e a quem eu contei a minha arreigada mania junqueiriana. Tanto bastou para que aquele distinto oficial me oferecesse uma carta inédita, acompanhada por uma carta sua, muito interessante e que conservo com verdadeiro amor estimativo.

Tempos passavam e a mania em vez de se ir atenuando, começou a criar raízes e a aumentar a passos agigantados. Tanto me obsecava o pensamento que não havia amigo ou conhecido que não soubesse da minha *doença* — como já me chamavam! — e acontecia, como ainda hoje acontece! — eu receber pelo correio jornais, revistas, almanaques e mil e uma publicações com referências a Junqueiro — algumas ignorando quem mas envia! —

Estando um dia no meu escritório no Porto — chovia se Deus a dava! — vejo entrar um sujeito que me pede licença para falar ao telefone!

Imaginem a minha alegria e o meu embaraço quando olho e dou de cara com Guerra Junqueiro! Vinha todo molhado!... Obriguei-o a entrar e a sentar-se... quis que mudasse de meias... Trazia os pés num charco!...

No entanto, um empregado meu, da sua parte, falava pelo telefone para V. Nova de Gaia, para várias casas inglesas a combinar preços de venda de aguardente<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Numa primeira procura feita à sua Junqueiriana não encontramos esta edição tão «curiosa» quanto rara.

<sup>11</sup> Silva Monteiro casara com Maria das Dores, irmã de Filomena Augusta Neves, esposa de Guerra Junqueiro. O pai destas senhoras, Sebastião da Silva Neves - natural da freguesia do Couto, concelho de Viana - tinha pouca simpatia por poetas e militares. Ora, ironia da vida, uma das filhas, primeiro, casa com o poeta Guerra Junqueiro, a outra com aquele que viria a ser... o General Silva Monteiro.

<sup>12</sup> O autor de *A Pátria* é uma figura multifacetada. Além de poeta e prosador, políti-

Quando Junqueiro saiu do meu escritório ia gratíssimo e eu oferecia-lhe o telefone e o escritório para ele tratar os seus negócios, sem ter o trabalho de se deslocar até V. Nova de Gaia.

Efectivamente Junqueiro voltou.

Na sua nova visita não contive que lhe não contasse a minha mania de coleccionar as suas obras. O poeta ficou lisongeadíssimo. Citei-lhe os volumes novos que já tinha e pedi-lhe algumas indicações de trabalhos seus publicados nos jornais, do seu tempo de Coimbra.

Junqueiro prometeu que ia ver se encontrava e que me diria... Nunca disse.

Passados dias o poeta voltou e levou-me o seu livro «*Oração à Luz*», onde escreveu:

— «A Pedro Bandeira, lembrança simpática do Guerra Junqueiro.»<sup>13</sup>

Pedi-me licença para rever ali umas provas de página dum novo livro a sair...

Eram os *Simples*, traduzidos em francês por Maxime Formont.

Sentou-se na minha escrivaninha e começou a fazer as emendas. De repente diz:

— «Não pode ser!... Isto não tem música... não tem jeito! Não fica bem!...» —

E mostrou-me a tradução da «*Moleirinha*».

— «Repare: veja isto em francês!... Não canta, não vibra, não presta!... Olhe, Pedro Bandeira: faça-me um favor: telefone já para o Joaquim Leitão e diga-lhe que pare com tudo. Que deite toda a composição ao caixotim. O livro não se publica!...»

Quando saiu deixou ficar sobre a minha escrivaninha, emendadas por sua mão, aquelas sessenta e oito páginas dos *Simples* em francês, — *únicas que existem!*<sup>14</sup> — e que eu conservo como uma joia preciosíssima<sup>15</sup>!

co, investigador (com créditos firmados no estudo da radiocatividade e na cura de doenças da vinha), filósofo e colecionador de peças de arte (muito além do mero «bric-à-brac»...), foi também agricultor, chegando a destacar-se como um dos mais bem sucedidos produtores de vinho e seus derivados.

<sup>13</sup> JUNQUEIRO, Guerra - *Oração à Luz*. Porto: Liv. Chardron, 1904. Este exemplar encontra-se no espólio adquirido.

<sup>14</sup> No entanto, a edição da tradução de Maxime Formont consumou-se: JUNQUEIRO, Guerra - *Les Simples*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1894. 32pp. Porém, neste trabalho Maxime Formont traduziu *Os Simples* apenas até ao «Préstito fúnebre» («*Convoi funébre*»), inclusivé. Inclui, por-

Quero aqui contar um caso interessante: não resisti, nesse dia, mostrar a Junqueiro, um dos meus livros de *Monólogos*<sup>16</sup>. Disse-lhe que aquilo era uma porcaria imprópria de se mostrar a um poeta da sua categoria. Delicadamente Junqueiro fingia que me não ouvia. Cheio de bondade e paciência, folheava o livro. Lendo aqui e ali algumas páginas. De repente riu e disse-me:

— «Você não é capaz de fazer os versos que eu faço. Mas garanto-lhe que eu não era capaz de fazer isto!...»

— «Assim tão malfeito seria realmente difícil!...» — Respondi.

— «Não é nada mal feito!... Tem uma qualidade que eu nunca tive nem posso conseguir: é ter muita graça!...»

Aqui têm como a mania da minha Junqueiriana dobrou para mim de interesse!

Aqui têm como há *cinquenta anos* eu, noite e dia, sou um devoto e fervoroso admirador de Junqueiro.

Devo ao Sr. Dr. Luís de Oliveira Guimarães, a honra de um dia levar a minha casa a filha do poeta, a Sr<sup>a</sup> D. Maria Isabel Guerra Junqueiro.

Fiquei encantado com a visita da ilustre senhora. Ela compreendeu bem a minha devotada admiração por seu falecido pai e o meu paciente trabalho de 50 anos, à volta do seu nome e da sua obra.

Nunca me interessou a vida íntima do poeta. Se era ateu ou cristão; se era progressista ou republicano; se colecionava selos ou tras-

tanto, a contestada tradução da «Molerinha» (p. 21-26). Esta obra está incluída na Junqueiriana agora adquirida. Recorde-se que a primeira edição de *Os Simples* havia sido feita apenas dois anos antes, impressa (em papel de linho) na Tipografia Ocidental do Porto. Foi posta à venda no dia 30 de Maio de 1892. Não havíamos encontrado ainda qualquer referência àquela tradução «parcial». Amorim de Carvalho, ao fazer o elenco das traduções das obras de Junqueiro limita-se a referir uma tradução de *Os Simples* para francês mas em 1911: *OBRAS de Guerra Junqueiro (poesia)*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 2<sup>a</sup> edição, 1974. p. LXIV. Julgamos ser esta a tradução apresentada logo em Janeiro de 1912, como «alta e elegante»: *Un chef-d'oeuvre «Les Simples» de Guerra Junqueiro in La poétique (Revue du Monde Poétique)*. 75 (Jan. 1912). p. 3-11, com continuação nos dois números seguintes.

<sup>15</sup> Questionamos sobre a existência destas provas. Dizem-nos que até à data não foram ainda encontradas.

<sup>16</sup> BANDEIRA, Pedro - *Monólogos*. Porto: Typ. Peninsular de Monteiro e Gonçalves C<sup>ª</sup>., 1901; 2<sup>a</sup> edição correta e aumentada, 1904. Esta é certamente a produção mais perdurável das obras de Pedro Bandeira. Em 1937 contava já com quinze edições chegando mesmo, depois, a passar da vintena. Algumas destas últimas incorporam monólogos que foi dando a público noutros livros, como sejam *Novos Monólogos*, em 1910, e *À Boca de Cena*, 1927.

tes velhos! O que me importou e importa, para orgulho da minha Pátria, foi a sua vida literária; foi poder afirmar com verdade que Guerra Junqueiro foi o primeiro poeta da minha geração. E isto, até agora, nem os maiores inimigos e difamadores têm ousado contestar! Não tiveram ainda coragem para lhe negar o talento, resumindo a sua maledicência a inventar-lhe anedotas e histórias que não existiram ou a devassar-lhe a vida íntima, com a publicação de cartas e documentos particulares que nada têm de comum com o seu extraordinário talento de poeta.

A memória do genial escritor deve perdoar-lhes! «Eles não sabem o que fazem!...»

Disse... — não me recordo quem! — que «um homem público é como uma esquina onde qualquer garoto pode escrever uma obscenidade!»

Junqueiro tem sido um mártir das obscenidades dos garotos! Eles podem impunemente continuar a escrever naquela esquina as maiores barbaridades e infâmias que a grandeza do génio do poeta é de tal tempera que não sente com isso o menor arrepio!... Resiste a tudo!...

E... dixet!

Lisboa, Março de 1943

Pedro Bandeira.

P.S.

O Secretariado da Propaganda Nacional na distribuição dos Prémios Literários de 1942, conferiu o prémio *Ensaio*, ao livro do Padre Moreira das Neves «Guerra Junqueiro — o homem e a morte». Se o Secretariado fez isso para ser agradável ao dono... acho bem: mas lavro o meu protesto ao valor literário da obra que não pode ser considerada como *Ensaio!* É o que eu digo: os garotos continuam a escrever nas paredes!

### 3. Carta (inédita) de Silva Monteiro a Pedro Bandeira

Gentleman

Esta carta do Junqueiro, por exemplo, será duplamente estimável para a sua paciência de colecionador.

Manuscrito completo, com a assinatura íntima, o papel, a letra corrente... enfim, todo o cachet característico da correspondência familiar do nosso homem.

Depois: o texto. Um pedido feito dum modo único, inédito, manifestando pesar pelas desventuras dum rapaz [desenvolta?] com uma estranha e original correcção de carácter.

Gentleman

Esta carta do Junqueiro, por exemplo, será duplamente estimavel para a sua paciencia de colecionista.

Manuscrito completo, com a assignatura intima, o papel, a letra corrente... etc. etc. todo o cachet caracteristico da correspondencia familiar de nosso homem. Depois: o texto. Um pedido feito d'um modo unico; immediato, manifestando, sem palavras, a urgencia d'um reparo, sem voltar com uma súplica e original e vice-versa.

a sua intima e, que escapou ao ultimo incendio que os meus senhores fizeram no humo dos papéis intimos. Encontramos ~~na~~ carta; mais o bito. para que eu corrija e corrija. Infelizmente q. o caso tem tanto degraçados como de intima.


idem.

DL

Silva Monteiro

Carta de Silva Monteiro - Álbum nº 1 dos Recortes. Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto. Biblioteca do Paraíso.

Meu caro ad. : W. de C.

Antonio, filho de Antonio Joaquim Azinhem e Rita Nôra de Jesus, freguesia de Indelle, Paró, - vive atualmente em Portugal a um império. Recomeço-lhes Deserço que se vive, havendo motivo para isso. Do contracto, por favor alguma. Se não, um renovo para um exposto de cada um. Recendo e, portanto, beijos aos meus. W. de C. 

Carta de Guerra Junqueiro. Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto. Biblioteca do Paraíso.

Porque o Junqueiro, tendo um grande fundo de bondade, tem um insondável de justiça, qualidades indispensáveis ao poeta moderno.

Bom, justo e sincero: três feições íntimas que não sendo raras em feras, são difíceis de sentir em homens. São três faces da alma dum homem forte e que o meu Ex.mo Am<sup>o</sup> encontra naturalmente, impensadamente, inveteradas nesta pequenina carta de empenho que ninguém escreveria assim a um íntimo e que escapou ao último incêndio que os meus criados fizeram no limbo dos papéis inúteis.

Encontrei mais cartas, uma de oito páginas enormes e cerradas. Infelizmente [para?] o caso, têm tanto de engraçadas como de *íntimas*. Adeus.

De V. Ex.  
Silva Monteiro

#### 4. Carta (inédita) de Guerra Junqueiro a Silva Monteiro

Meu caro amigo

Viana 7

António, filho de António Joaquim Rosinhas e Rita Ana de Jesus, freguesia de Lordelo, Porto, — vai amanhã ou passado à sua inspecção. Recomendo-lho. Desejo que se livre, havendo motivo para isso. Do contrário, por forma alguma. Seria um remorso para mim.

Recordações à Mónica, beijos aos pequenos.

Um abraço  
G. Junqueiro

V. do C<sup>17</sup>.

HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA

<sup>17</sup> É sabido que Junqueiro tinha o mau hábito de raramente assinar a sua correspondência. Ao longo de alguns anos temos trabalhado no sentido de constituir um epistolário deste poeta. Raríssimas são as cartas convenientemente datadas. Em muitas delas o poeta limita-se a registar o dia, como aliás o faz nesta a Silva Monteiro. O mesmo procedimento se verifica na correspondência de cariz mais oficial, como seja por exemplo a que expediu de Berna onde esteve como representante de Portugal. Deve, no entanto, notar-se que estas, na sua maioria, tinham Bernardino Machado, o seu grande amigo, por destinatário... Mas no estudo da correspondência junqueiriana acresce ainda outra dificuldade que, felizmente, aqui não se verifica. Muitas vezes, sem qualquer outra referência espacial, o poeta escreve apenas: «V. do C.». Vila do Conde ou Viana do Castelo? É que Junqueiro viveu nas duas cidades. Não cabem aqui análises interpretativas nem uma tentativa de datação desta missiva.

## Colóquio: *Transplantes — Da Ética à Praxis* Gabinete de Investigação Bioética

### Palavras Introdutórias

Justificam-se estas breves palavras por quatro razões diferentes.

Em primeiro lugar, por se tratar da primeira iniciativa do recém-criado Gabinete de Investigação Bioética da Universidade Católica Portuguesa, da sua apresentação pública e da sua primeira resposta ao mandato regulamentar que a Universidade Católica lhe concedeu. Ao levar a cabo esse Colóquio, o Gabinete de Investigação Bioética (GIB) desejou contribuir para um estudo e conhecimento mais aprofundados de um importante tema da Bioética, com marcados reflexos e implicações na vida social.

Depois, por ser aconselhável voltar a discutir, em pública tribuna, a questão dos transplantes de órgãos e de tecidos, seguindo a linha, sempre recomendável, de analisar os princípios éticos e os dados biológicos para a partir dessa análise, poder chegar a conclusões acerca da prática proposta e tornada possível pela técnica. O uso terapêutico e a lei que o regulamenta não podem, neste contexto, ser esquecidos. O colóquio contempla todos estes aspectos, para fechar, como não podia deixar de ser, com uma estimulante reflexão sobre o dador cristão.

Em terceiro lugar, é indispensável manifestar o nosso agradecimento ao Prof. Doutor J. Pinto Machado, que com base na sua formação de anatomia ilustre nos dirá como e para que fins e em que medida pode ser utilizado o cadáver humano; ao Prof. Dr. Mário Caetano Pereira, figura cimeira da transplantação de órgãos, que retratará a situação portuguesa real, no domínio das transplantações; e à Dra. Marta Lopes Cardoso, que nos dará a visão da jurista sobre o enquadramento legal da prática de transplantação. Aos membros da Direcção do GIB que intervêm no Colóquio, os Profs. Doutores Rui Nunes, Jorge Teixeira da